

FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL — GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS — Anno 1.8500 réis. — Semestre 800 réis. — Anuncios cada linha 40 réis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio, communicados 50 réis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em DRAGA, Campo de Sant'Anna.

Villa Verde—1887

QUESTÃO AGRICOLA

São tão judiciosas e de tão subido alcance as considerações feitas, na sessão parlamentar do 1.º de Junho, pelo illustre deputado, muito digno presidente da camara municipal d'este concelho, o exc.º visconde da Torre, — sobre a importante questão agricola, — que não podemos resistir ao desejo de abrilhantar as columnas do nosso humilde semanario publicando na integra o notavel discurso pronunciado por s. exc.º na referida sessão.

Por elle verão os nossos leitores a maneira alevantada, nobre e digna como o snr. visconde da Torre se occupa d'um assumpto de tão subido alcance para o paiz, d'uma questão que s. exc.º foi dos primeiros a levantar no parlamento e que deveras toma a peito, o que sobremodo o honra.

O snr. Visconde da Torre:—Senti que hontem a ordem da inscripção me não permitisse fazer algumas considerações acerca das palavras aqui pronunciadas pelo nobre ministro das obras publicas e pelo illustre deputado o snr. D. José de Saldanha, sobre a questão agricola, questão que na presente sessão legislativa eu fui dos primeiros a levantar n'esta casa.

Julgo do meu dever realisar hoje o que hontem não pude fazer, e julgo, snr. presidente, para mim tanto mais imperiosa esta obrigação, quanto é certo que, tendo eu a honra de militar nas fileiras da maioria, não desejo que se supponha que a minha voz emmudeceu n'um assumpto que tomo tanto a peito, por considerações politicas de qualquer ordem, considerações que seriam injustificaveis n'uma questão, como esta, aberta para todos os partidos, (Apoiados.) onde todas as opiniões tem logar, onde todos os esforços são bem vindos, (Apoiados.) onde todas as vozes, ainda as menos auctorizadas, e n'este caso está sem duvida a minha, tem valor, quando representam uma opinião sincera.

Afirmando pois, snr. presidente, o proposito em que estou, de não largar de mão tão importante assumpto, prometendo trazer-o a esta casa tantas vezes quantas sejam as precisas, principio por declarar que concordo com quasi todas

as considerações aqui feitas pelo snr. D. José de Saldanha, tem deixar, todavia, de reputar correcta e prudente a declaração aqui feita pelo nobre ministro das obras publicas, de não querer comprometter immediatamente a sua opinião sobre materia tão importante.

Effectivamente, snr. presidente, peor que os males que actualmente soffre a agricultura, só havia uma cousa:—uma resolução impensada sobre tal assumpto, (Apoiados.) que fosse tomada à la légère, sem um previo e completo estudo da questão, sobre a qual é preciso ouvir todos os pareceres e consultar todas as opiniões. (Apoiados.)

O problema agricola é melindroso e complexo; é necessario que a solução d'elle seja a melhor, e como tal considerada, não direi por todos, que isso era impossivel, mas pelo maior numero.

Mas, por isso mesmo que eu concordo com esta declaração do snr. ministro das obras publicas, permitta-me s. exc.º que lhe diga, á boa paz, que discordo completamente de algumas opiniões por s. exc.º emittidas sobre este assumpto. (Apoiados.)

Assim, por exemplo, diz s. exc.º, apoiando-se na opinião, aliás auctorizada, do snr. Develle, ex-ministro da agricultura em França, que o principal mal para a agricultura provém da falta de instrucção scientifica.

Não concordo com isto. Acho bom o ensino profissional, não sou contrario a elle, apoiaria até a criação, em quasi todas as capitães de districto, de escolas onde se ensinasse simples rudimentos de agricultura; mas, snr. presidente, estou muito longe de acreditar que a criação de escolas agricolas seja o remedio prompto, immediato, energico a oppor ás difficuldades com que lucha a classe agricola.

Nem a origem de taes difficuldades vem da falta de educação scientifica, porque a verdade é que, se os processos agricolas em alguns pontos do paiz são rotineiros, é porque não podem ser outros, pela natureza especial do solo, do clima, das culturas, de mil circunstancias. Quando alli algum proprietario mais arrojado e emprehendedor sae da rotina e emprega processos novos, o resultado é sabido, perde sempre e volta para os velhos usos.

Mas, snr. presidente, eu não sei como o snr. ministro das obras publicas possa attribuir a crise agricola á falta de educação scientifica, e ao mesmo tempo confesse que essa crise não affecta só Portugal, mas toda a Europa.

Pois que? Haverá pouca edu-

cação scientifica na Allemanha, na Belgica e sobretudo na Inglaterra, onde os processos agricolas são chegados a um grau de perfeição que nós nunca atingiremos? (Apoiados.)

De certo que ninguem dirá tal. E todavia lá, como muito bem disse o snr. ministro das obras publicas, a crise agricola faz-se sentir, se bem que muito menos que entre nós.

Que devemos pois concluir? Que não é da falta de educação scientifica que vem o mal. Lá, como aqui, o motivo das difficuldades agricolas é a importação dos cereaes americanos e ainda dos da Australia e da India, (Apoiados.) com os quaes não podem competir em preço os europeus. (Apoiados.)

Pela minha parte, snr. presidente, julgo que o unico remedio efficaz, e de immediatos resultados para tão grande mal, é a criação de impostos protectores. (Apoiados.)

Sou proteccionista, declaro-o sem reboço. E n'esta questão dos cereaes o protecționismo, snr. presidente, impõe-se aos olhos de todos como uma necessidade indeclinavel, (Apoiados.) e justifica-se em Portugal como em nenhuma outra nação. (Apoiados.)

Trazendo para aqui o exemplo da França, o nobre ministro das obras publicas diz que n'aquelle paiz o imposto sobre cereaes estrangeiros, apesar de ter sido augmentado, ainda não attinge a elevação no nosso.

D'aquí, quererá s. exc.º concluir que em Portugal não se deve augmentar esse imposto?

Mas, snr. presidente, eu tiro conclusões diametralmente oppostas a essa, porque nem as nossas condições economicas são iguaes ás da republica franceza, nem lá se accentua a crise agricola como entre nós. (Apoiados.)

O que vou buscar á affirmacção do nobre ministro é o exemplo que a França nos fornece, (Apoiados.) não hesitando, apesar dos seus variados recursos, apesar da opulencia das suas industrias, bem diferente da miseria das nossas, (Apoiados.) não hesitando, dizia, em adoptar o protecționismo para salvaguardar a sua agricultura. (Apoiados.)

E de passagem lembrarei ao snr. ministro das obras publicas que o snr. Develle, apesar de attribuir á falta de educação scientifica os males da agricultura, foi o principal, o mais ardente, o mais energico propugnador do augmento dos direitos de importação em França.

O nobre ministro parece tambem preocupar-se muito com o prejuizo que ao consummidor pôde advir do augmento de imposto sobre cereaes estrangeiros.

Não ha motivo para receios. Entre nós, snr. presidente, ha muitos annos que o preço do pão não sustenta relação alguma com o preço do trigo. (Apoiados.) Não é uma affirmacção gratuita esta, é uma verdade incontestavel. (Apoiados.) São as estatisticas que o demonstram. Eu passo a ler á camara alguns dados estatisticos, que eu não colhi, mas que foram publicados por um distincto escriptor n'um jornal agricola muito apreciado, sem que ninguem contestasse a veracidade d'elles.

(Leu.)

Por aqui se vê, snr. presidente, que em Março de 1872 custava o alqueire de trigo, em Lisboa, 530 réis, e o 1/2 kilo de pão 50 réis; em Outubro do mesmo anno sobe o preço do alqueire de trigo a 690 réis; o preço do meio kilo de pão, longe de subir, desce a 45 réis. Em Março de 1874 desce o trigo de 790 réis a 550 réis; o pão conserva todavia o mesmo preço, de 45 réis, até Novembro do mesmo anno, em que sobe a 50 réis, e n'esse preço fica até 1877, apesar de durante esse periodo os preços do trigo variarem desde 535 réis até 680 réis.

De 1877 para cá o preço do trigo tem baixado sempre, sendo a media annual de 1886 o preço de 455 réis por alqueire.

Pois apesar d'isso o 1/2 kilo de pão custa em Lisboa os mesmos 45 réis, que custava em 1873, quando o alqueire de trigo custava 720 réis.

Isto o que prova, snr. presidente? Prova que ha uma classe que aufer lucros exagerados, que se locupleta com os prejuizos do productor sem ter em nenhuma conta o beneficio do consummidor. (Muitos apoiados.) Prova que ha industrias que se não contentam com lucros razoaveis (Apoiados.) e que folgam com a decadencia da agricultura. (Apoiados.)

Pois é contra estes que eu me insurgo, (Apoiados.) é contra este monopolio que todos os proprietarios se devem insurgir. (Muitos apoiados.)

Eu sei que se pôde dizer: — Mas essas industrias habituaes a lucros exagerados, prescindirão d'elles?

Terão os que as exercem o sufficiente patriotismo para, augmentado que seja o imposto de importação, abdicarem de parte dos seus lucros, ou quererão continuar a auferir-os, sobrecarregando o consummidor?

N'este caso, snr. presidente, podem as camaras municipaes remediar o mal, estabelecendo ellas proprias fabricas de moagens e padarias, (Apoiados.) da mesma sorte que muitas vezes tem estabelecido talhos e açougues quando os marechan-

tes elevam os preços da carne. (Apoiados.)

Parece-me ter provado, snr. presidente, que, entre nós, os impostos protectores podem beneficiar os productos nacionaes, sem onerarem o consummidor. Os unicos prejudicados são os que actualmente fazem propaganda contra elles os donos das fabricas de moagens, (Apoiados.) que auferem lucros que nem são rasoveis nem justos. (Apoiados.) Não se arrecede d'elles o governo.

Mas, snr. presidente, a questão agricola tem ainda outros lados a encantar. A industria da criação e engorda do gado vacum é outro ramo importante d'esta questão e é preciso que sobre elle recaia tambem a attenção dos poderes publicos. (Apoiados.) Actualmente pôde dizer-se que essa importante industria está perdida. E porque? Já aqui o disse o illustre ministro das obras publicas. Porque a exportação para Inglaterra cessou, augmentando, ao contrario, a importação de Hespanha. A Inglaterra fecha os seus portos aos nossos gados porque nós, em virtude de um tratado de commercio celebrado ha annos, temos as nossas fronteiras francas para os gados de Hespanha, e a Inglaterra não confia na saude d'elles. Não tratarei agora de saber quem fez esse tratado; não indagarei se as responsabilidades d'elle são do partido progressista, se do regenerador. Basta-me saber que elle é mau e que é preciso modificá-lo. (Apoiados.) Ouvi que elle terminava brevemente. Eu peço ao governo, e sobretudo ao illustre ministro dos negocios estrangeiros, que sinto não vêr presente, que empregue todos os esforços, afim de que o tratado seja modificado, (Apoiados.) contribuindo assim para a melhoria das condições do lavrador, do pequeno proprietario, do rendeiro, a quem outr'ora aquella industria muito favorecia em seus interesses. (Apoiados.)

Outro ramo da questão agricola é a exportação dos nossos vinhos. Convém que o governo procure por todos os meios fomental-a. Lembrou o illustre deputado o snr. Avellar Machado, que se fizessem exposições permanentes de vinhos portuguezes em algumas capitães da Europa, afim de ostornar conhecidos. Acho excellente a ideia e associo-me completamente a ella. Parece-me todavia que ha outro meio de proteger essa exportação. Esse meio consiste em a vigiar cuidadosamente, impedindo por todas as fórmas que a especulação torpe vá aos mercados estrangeiros prejudicar-nos. (Apoiados.) É mister olhar seriamente para isto, afim de que productos adulterados não vão

lá fora desacreditar os genuínos. (Apoiados.)

Snr. presidente, bastantes vezes se tem dito aqui que esta questão não é politica, nem como tal deve ser considerada. De resto creio ser esta a opinião de toda a camara. (Apoiados.)

Largo campo ha abi para as luctas, nem sempre proficuas, da politica partidaria. Não faltam assumptos onde affirmar principios e onde dirimir contendas politicas. Arranquemos pois a voragem do facciosismo partidario este assumpto, que em si contém a questão mais importante que se póde ventilar no seio de uma sociedade. (Apoiados.) Associemo-nos pois, n'um esforço nobre em prol do paiz, e acreditemos que não ha assumpto em que melhor se possa manifestar o nosso patriotismo. (Apoiados.) Surjam todas as opiniões, appareçam todos os alvitres, porque é da reunião d'elles que a verdade ha de sahir. (Apoiados.)

Pela minha parte, snr. presidente, honro-me em declarar que durante a minha curta vida politica nunca me esqueci de que era partidario. Tratando aqui este assumpto, eu só me lembro de que o sou pelo desejo vehemente, sincero que tenho de que o ministerio que se senta naquellas cadeiras, e que merece o meu apoio, vincule a sua honrada gerencia a uma medida protectora da agricultura, porque sei que tal medida acarretará sobre elle e sobre o partido de que sou o mais obscuro soldado, o applauso sincero e unanime do paiz. (Muitos apoiados.) Espero confiadamente que o nobre ministro das obras publicas ha de empregar para este fim os vastos recursos da sua intelligencia e do seu saber.

Quanto a mim, declara-o francamente á camara, seria para o meu coração um grande pesar e para o meu espirito uma enorme desillusão, se visse passar pela pasta das obras

publicas um homem que se chama Emygdio Navarro, a cujos talentos eu presto a mais respeitosa homenagem, e por quem tenho uma grande estima pessoal, sem deixar n'este ramo dos serviços que estão a cargo do seu ministerio, um traço d'aquella energia, a um tempo viril e bondosa, que constitue a feição mais sympathica do seu character. (Apoiados.)

Tenho dito.
Vozes: — Muito bem, muito bem.

Carta primeira ao snr. deputado por este circulo

Exc.^{mo} snr.

Tenho acompanhado com uma curiosidade sempre crescente os triumphos de v. exc.^a n'essa illustre casa da Representação Nacional.

Eu sou fanatico por tudo quanto seja grandioso, sublime, absorvente, exc.^{mo} snr.! Embasbaco, pasmo d'admiração tanto ao defrontar com um elephante corpulento e ao ouvir os medonhos estampidos do trovão, que são para mim a força bruta da natureza, como ao vêr os homens da palavra, os Hercules invenciveis da eloquencia, essa dominadora do animo alheio, se não me falham no momento as reminiscencias da eschola.

Sendo eu assim por compleição, não o surpreenda, exc.^{mo} snr., o meu enthusiasmo, o meu culto por v. exc.^a

Estou até á garganta; e se não fallo, arreberto, o que é um desastre para mim e um perigo para a hygiene.

Vou fallar. Era escusado ser pela imprensa, bem sei. Bastava uma carta pelo correio. Mas o maior estorvo é que eu não privo com o *homem grande* d'esta terra e todos me dizem que as epistolas devem levar o *carimbo* d'aquelle snr., para cahirem no *gato* a v. exc.^a E' a attracção dos semelhantes!...

Depois, cartas são papeis que não chegam a toda a parte; e eu quero embocar uma corneta como a dos Passos de Villarinho, cujo som estridente, deslocando as camadas atmosphericas, faça repercutir quanto mais largamente o nome do meu heroe, que é v. exc.^a

Ora pois, exc.^{mo} snr., já percebe porque me empoleirei no jornal e d'aqui hei desabafar. Cumpro um dever e faz-me bem.

Faz-me bem, porque, segundo a theoria de certo contador, a gente não *desabafando*, os gazes accumulam-se na *barriga* e d'ahi se originam as hemorroidas.

O que eu faço, exc.^{mo} snr., outros o deveriam ter feito; mas não sei que praga do Egypto levou os homens amantes do bello e admiradores do grande, que não apparece *alma viva* para uma *ode pindarica*.

E' preciso que venha eu, gastando a minha prosa ruim, lançar os fundamentos do soberbo pedestal que v. exc.^a ha-de encimar, contemplando com farda de ministro (?), na sua mudez de pedra, o desfile dos povos d'estas cercanias em cortejo civico.

Quem me dera ser vivo para o tempo, exc.^{mo} snr.! e mais um jumentinho da minha predilecção, em quem tambem tenho reconhecido certo instincto para coisas grandes.

Havia de obrigar-o a carrear pedra para o monumento, afim que tudo, o racional e o irracional, o sensível e o insensível quinhosse a gloria de haver contribuido para a immortalidade historica de v. exc.^a

E como esta viae longa, e nós temos muito tempo, ponho ponto até á semana.

De v. exc.^a

Fr. Bernardo.

Audiencias

Terminaram as d'esta comarca no dia 22.

Foram julgados 9 réos, dos quaes o jury provou o crime a quatro.

Os crimes, salvo dous de morte e um d'estupro, eram de pequena monta.

O nosso jury pende bastante á clemencia ou, se quizermos dizer a verdade, obedece bastante a influencias extranhas.

Infelizmente, n'esta comarca póde adivinhar-se qual o *veredictum* do jury.

Sim, podemos dizer de antemão se o réo sae livre ou condemnado; basta que elle tenha *protecções* e que os jurados sejam de certo *molde*.

Fallamos assim, porque a opinião publica pronuncia-se desfavoravelmente por ter sido absolvido o do crime d'estupro e outro de morte, de Aboim.

Não queremos offender susceptibilidades, nem entrar na consciencia dos snrs. jurados, que é sanctuario respeitavel. Comtudo a nossa missão jornalística impõe-nos que fallemos francamente e fazemo-lo tanto mais, quanto somos apenas o ecco da opinião geral.

O exc.^{mo} presidente do tribunal houve-se a toda a altura da sua toga, dirigindo com superior criterio a discussão, fazendo sempre delicada e imparcialmente o relatorio das provas, e orientando-se, na applicação das penas, por principios de brandura e clemencia.

Ao dignissimo agente do M. Publico cabem tambem os maximos elogios, pois em fórma por vezes esmerada e sempre correcta discutiu placida e serenamente a accusação. S. exc.^a é um espirito lucido, um bondoso coração, e energico magistrado.

A defeza representaram-n'a ora o snr. dr. Ribeiro, ora o snr. dr. Andrade.

Ambos experimentados na sua especie, houveram-se segundo seus creditos. O snr. dr. Ribeiro foi arrebatado, fogoso, apaixonado na defeza do «Grande» de Geme, réo do crime d'estupro com communicacão de

syphilis, e aventou umas hypotheses sobre demonstrações de copulas e não copulas, etc., etc., que pareceram extravagantes.

S. exc.^a lá o lê, lá o entende, diziam os espectadores.

A nosso vêr, aquella audiencia devera ter sido secreta.

A proposito, um episodio: Dizem-nos que umas mulherzitas, que ficaram condemnadas, no seu exaspero provocam e insultam constantemente das grades da cadêa uns cavalleiros, que julgam pouco affectos á sua causa.

A coisa tem-se tornado escandalosa, porque os insultos envolvem tambem offensas á moral publica.

Urge providenciar. Somos de opinião que o exc.^{mo} delegado as faça remover para as cadêas de Braga, onde ellas já tinham estado, e para onde pediram remoção no proprio dia do julgamento.

E' mesmo uma necessidade; pois ninguém ignora que as nossas cadêas estão em más condições de segurança.

Seremos attendidos?

Um plano frustrado

Sob esta epigraphe diz um nosso collega do Porto que o snr. Acacio Martins de Moura prendeu e entregou a um guarda civil o seu socio Manoel Martins da Costa Real, d'esta villa, que tentara evadir-se com o fundo da sociedade, e embarcar para o Brazil com documentos falsos.

O estabelecimento que pertencia á sociedade tem o titulo de—*Nova Merceria Alliança*, e demora na rua de Santo Ildefonso d'aquella cidade.

Egrejas a concurso

Está aberto concurso documental, pelo praso de 30 dias, para o provimento das parochias de Santa Maria de Doções e S. Thomé de Lanhas, ambas n'este concelho.

FOLHETIM

AS TRES GRINALDAS

(VARIACÕES SOBRE UM THEMA ANTIGO)

I.

Idalina era uma encantadora pequerrucha de seis annos. Desde que lhe morrera a mãe, Idalina vivia na companhia do avô, um velhinho gracioso e sympathico, que morava com ella n'um grande palacete isolado e triste, cheio de grandes corredores melancolicos e de velhos salões, onde dormiam os retratos pallidos dos avoengos.

Graças a este meio tão cheio de tristeza, Idalina, a pequena creança de cabellos pretos, tinha uma melancolia precoce que lhe ennuclava os seus olhinhos côr de amora.

A's vezes iam achal-a como que adormecida, com os olhos marejados de lagrimas, e a boquita semi-aberta, n'uma grande contemplação indefinivel...

O avô assustava-se muito com isto.

— Esta pequena ha de ser a minha desgraça, dizia elle. E tinha razão, o bom do velho.

Idalina era muito impressionavel, muito nervosa: de noite tinha sonhos que a enchiam de

susto, que a faziam gritar pela noite adiante.

Foi n'um d'esses sonhos que ella avistou uma linda fada de olhos azues, com grandes azas brancas, cuja figura lhe recordava aquella Nossa Senhora de Lourdes que tinha á cabeceira.

— Que me queres tu, linda fada? perguntou Idalina.

— Quero ser a tua amiga, minha pequerrucha, respondeu-lhe aquella visão tão parecida com os anjos. Sou a fada das creanças que não teem mãe, e por isso, de hoje em diante has-de-me encontrar sempre a teu lado para te consolar quando estiveres triste. Logo que tenhas a mais pequena afflicção, chama por mim, porque eu virei immediatamente.

— E como te chamas tu, minha amiga?

— Clarisse, respondeu a fada. Idalina despertou então; e Clarisse apenas a viu acordada, fugiu-lhe repentinamente.

Mas Idalina, a encantadora Idalina, nunca mais se esqueceu d'aquella appareição que a seguia para toda a parte.

II.

Uma manhã, a triste pequena, que já tinha doze annos, apenas se levantou teve a triste noticia da morte do avô.

Chorou muito, muito, e no meio das suas afflicções, lem-

brou-se da fada, por quem começou a chamar.

— Clarisse! Clarisse! — Que me queres tu? disse a fada, immediatamente.

— Estou muito triste, disse-lhe a pequenita: morreu-me a unica pessoa que me estimava e agora não sei o que ha-de ser de mim.

— Socega, disse-lhe Clarisse. Quando tu nasceste, Deus, que me encarregou de vigiar por ti, deu-me tres grinaldas de flores, com a seguinte recommendação:—quando Idalina tiver um soffrimento qualquer, dá-lhe uma d'essas grinaldas e as suas tristezas acabarão immediatamente.

— N'esse caso, disse a pequena, dá-me uma d'essas grinaldas, porque estou afflictiissima.

— Aqui tens, disse a fada, collocando-lhe na cabeça uma pequenita grinalda de rosas brancas.

E no mesmo instante, Idalina, que estava tão cheia de amarguras, começou a alegrar-se repentinamente.

— Sabes para que é essa grinalda? perguntou-lhe a fada: é para a tua primeira communhão.

Effectivamente, quando d'ahi a alguns dias Idalina foi commungar pela primeira vez, enfeitou-se com as rosas que lhe dera a fada, e foi este o primeiro momento feliz da sua vida.

III.

Annos depois, Idalina enamorou-se de um bello rapaz de cabellos loiros, que passava todos os dias á sua porta.

Ella gostava immenso d'elle, e o pobre moço, pelo seu lado, correspondia ardentemente aos seus affectos.

Mas a desgraça toda, foi a guerra de morte que o tutor de Idalina começou a fazer ao seu enamorado.

Idalina soffreu muito, e Armando, o seu noivo, foi victima das maiores perseguições.

Um dia, Idalina, cansada de soffrer, chamou pela fada e contou-lhe as suas desgraças.

— Muito bem, disse a fada. As grinaldas que Deus me deu eram tres: já te dei uma, de modo que restam apenas duas. D'esta vez dar-te-hei a segunda, mas tem cuidado em poupar a terceira, porque é a ultima.

Dizendo isto, Clarisse deu-lhe uma grinalda de flores de laranja, uma formosissima grinalda nupcial.

E, graças a essa grinalda, o casamento de Idalina realisou-se d'ahi a tres dias.

IV.

Passaram muitos annos. Nos primeiros tempos de casada, Idalina foi muito feliz. Mas depois, Armando, o seu marido, começou a embriagar-se, coisa

que entristecia deveras a pobre rapariga.

Então, no meio das suas maguas, lembrava-se de Clarisse e tinha vontade de lhe pedir a ultima grinalda.

Um dia, Idalina soube que era atraçoada pelo marido.

Armando apaixonara-se por uma linda morgadinha, que morava perto, e já não se importava com a pobre Idalina.

Esta teve o desejo de matar a sua rival, mas era boa, perdoou-lhe.

Chorava noites inteiras pedindo a Nossa Senhora que a fizesse mais ditosa. Mas Nossa Senhora não lhe ouviu as preces, e a desgraça de Idalina foi crescendo.

Um dia, Armando, ao voltar a casa completamente embriagado, maltratou brutalmente a sua victima. Então Idalina chamou pela fada.

— Clarisse! Clarisse! Vem-me socorrer, dá-me a ultima grinalda.

A fada appareceu-lhe no mesmo instante, muito triste e muito pallida e collocou-lhe na cabeça uma grinalda de goivos funerarios.

Apenas esses goivos tocaram nos seus cabellos, Idalina morreu...

V.

E foi essa ultima grinalda que lhe deu a verdadeira felicidade...

EUGENIO DE CASTRO.

Estabelecimento de banhos

Iniciou na cidade de Braga tão importante melhoramento o sr. João da Silva Moura, da rua de S. Marcos.

Temos á vista o prospecto, em que s. s.^a promette ampliar ainda o seu estabelecimento.

Os preços não nos parecem exaggerados.

Consta-nos que tem sido muito regular a concorrência de *banhistas*. Pena é que o empregado incumbido d'este ramo de serviço seja (segundo nos informa pessoa fidedigna) um boçal, muito malcreado, fazendo esperar tempo infinito os frequentadores, preterindo-os, chegada a sua vez, para darbanho aos *favoritos*, e tratando insolentemente quantos lhe façam qualquer reflexão amigável.

Sabemos que dous cavalheiros se retiraram escandalizados, sem tomar banho, ainda não ha muitos dias.

O sr. Moura não quererá por certo que o seu estabelecimento se desacredite e a *freguezia* o abandone.

D'um nosso amigo, vereador da camara, recebemos o escripto que abaixo publicamos, em que s. s.^a fulmina com a sua reconhecida competência as aleivosias do *Regenerador*, do dia 2 do corrente.

Sentimos que s. s.^a nos não permittisse transcrever o seu auctorizado nome, ornamento da actual vereação, e pedimos-lhe que, sempre que possa, venha honrar as columnas d'este jornal, que lhe franqueamos de bom grado.

CONVITE E EXPLICAÇÕES

O correspondente de Villa Verde, no *Regenerador* de 2 do corrente, na parte que respeita ao orçamento municipal, é d'esta forma convidado a ir á secretaria da camara, onde elle está patente para ser visto e examinado por quem o quizer, e, depois de o examinar, e comparar com o do anno de 1886, deverá, se é cavalheiro, declarar, com conhecimento de causa, e não pelo — *consta-me* — aos seus leitores que não era verdade o que escreveu no *Regenerador* de 2. Se assim o não fizer, será tido por vil calumniador, ou falto de senso commum.

Todos sabem, e o correspondente devia saber, que as camaras, pelo novo Cod. Adm., não podem contribuir seus municipes a bel-prazer, como podiam, e faziam, as camaras tranzactas — lançar as percentagens que muito bem quizessem; agora, essa percentagem ha-de ser arbitrada pelos corpos legislativos, e quando o não seja, como no anno corrente ainda o não foi, só poderá ser lançada a percentagem do ultimo anno, e nada mais.

Por consequente, prova-se que o correspondente do *Regenerador* foi leviano e imprudente; que não tem lido o Cod. Adm., e que, portanto, nada sabe de administração municipal, pelo que póde applicar-se-lhe o caso do sapateiro que queria subir a medico. É melhor não passar de pharmaceutico!

Do que póde accusar a camara, sr. correspondente, é de não fazer o mais pequeno

augmento de despeza, de ter reduzido á expressão mais simples as verbas que o podiam ser, de não deixar passar nada pela evasiva, de vigiar e fazer que cada um cumpra os seus deveres, e que o Código de Posturas não seja letra morta.

Que intrujões e esbanjadores!, gritava o malcreado correspondente, talvez sem perceber o significado do que proferia.

Nem uma cousa, nem outra, sr. escriba, Desmacare-se e tenha coragem de repetir a arrieirada. Convença-se que nos não fere, porque felizmente a dignidade da actual vereação está superior a tudo isso.

Um camarista.

Correspondencia de Amares

Foi recebida com sincero jubilo a noticia da transferencia do exc.^{mo} sr. dr. Francisco Pires da Costa, juiz de direito em Villa Pouca de Aguiar, para esta comarca.

Os amarenses levantam hosannas de contentamento e congratulam-se com tão feliz nomeação, porque sabem que o sr. dr. Pires da Costa é um ornamento da nossa magistratura, possuindo, além d'isso, qualidades elevadas, que o tornam um cavalheiro distincto.

É certo, porém, que tal nomeação devia ter desagradado á firma Brito, Almeida & C.^a, porque esta sociedade, composta d'individuos pouco escrupulosos de consciencia (não obstante baterem *constrictamente* no peito e ouvirem missa a miúdo), tinham empolgado a vara da justiça para commetterem, como tem commettido, actos vergonhosissimos e altamente escandalosos.

D'aquí, os protestos da nossa admiração pela fórma como se tem conduzido o magistrado do ministerio publico n'esta comarca, não tranzigindo com a authocracia dos sobas que nos tem *administrado* justiça ha tempo a esta parte. E não tem sido elles tão poucos!

Nunca a vara da justiça se viu empunhada por braços tão potentes... para o escandalo, nem o direito se viu mais torto e espezinhado! E, em quanto a justiça gemebunda implora compaixão contra tanto latrocínio, esses silenos de consciencia preta, esses biltres sem noção ou vislumbre do que é dignidade, soltam cascalhadas d'um riso alvar, petulante e torpe, offegantes das immoralidades que vão praticando!

Ao meretissimo juiz d'esta comarca, o exc.^{mo} dr. Pires da Costa, supplicamos, em nome da justiça agonizante, que se apresse em vir tomar posse do seu cargo, afim de que o *statu quo* em que nos encontramos melhore e a comarca d'Amarens saia do cahos, que a avilta.

Tem sido varias e frequentes as queixas que temos ouvido fazer com respeito ao depositario da caixa postal ás Neves, em Rendufe, o sr. Oliveira. Rogamos por isso ao exc.^{mo} sr. commendador Rebello, director do correio de Braga, para providenciar a tal respeito, evitando que este sr. seja menos cortez para com alguns individuos, que alli procuram correspondencia.

Brevemente vão começar os trabalhos das matrizes n'este concelho; consta-nos estarem

já nomeados louvados para as freguezias de Lago e Rendufe.

Expediente.

Por motivos imprevistos e imperiosos, não podémos publicar o nosso jornal domingo proximo passado. Pedimos desculpa d'esta falta aos nossos estimaveis assignantes.

DESSERT

— Que catita! que luxo! estás um lord! Que fazes tu agora?
— Entrei para casa de um banqueiro.
— De noite?

Um empregado do correio a um saloio:

— Esta carta tem pezo a mais; precisa outro sello.
— Então ainda fica mais pesada!

Um namorado palerma dizia um dia á sua espirituosa dama: — Que formosos pés tem v. exc.^a! Em fazendo testamento, lembre-se de mim, deixe-m'os.
— Com muito gosto, responde ella: ficará com quatro.

A sentinella da guarda da cadeia, depois das 9 horas da noite:

— Quem vem lá?
— Sou eu, minha mãe e uma abobora.

Em uma casa de jogo:
— Quem é esse sujeito que faz banca?

— Um capitão.
— Capitão do exercito?
— Não, de ladrões...

ANNUNCIOS

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 60 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do segundo officio, a requerimento de D. Maria Joaquina Ferreira, auctorizada por seu marido Joaquim Jeronymo Ferreira, da freguezia da Lage, d'esta comarca, correm editos de 60 dias, a contar da segunda publicação do annuncio na folha official do governo, a citar Joaquim e Francisco José, filhos de Francisco Antonio Cerqueira, já finado, e Rosa Rodrigues da Motta, da freguezia de S. Mamede de Escaris, aquelle ausente em parte incerta n'este reino e este no imperio do Brazil, para na segunda audiencia posterior ao dito praso, e depois de accusada a citação, opporem por embargos o que tiverem no processo de habilitação activa em que é habilitante a referida requerente, e habilitado o finado reverendo Antonio José Ferreira da Silva, abbade que foi na freguezia de S. Mamede de Escaris, d'esta comarca, na qualidade de herdeira d'aquelle finado, para levantar da Caixa Geral de Depositos a quantia de 146\$505 réis, da qual o mesmo era credor e

se acha liquidada nos autos de inventario orphanologico por obito de Francisco Antonio Cerqueira, morador que foi na mesma freguezia de S. Mamede de Escaris; declarando-se que as audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana não sendo esses dias impedidos, porque sendo-o fazem-se nos immediatos.

Villa Verde, 28 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Gaspar Augusto Telles.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão do 5.^o officio, correm editos de 30 dias citando quaesquer credores e legatarios desconhecidos, e bem assim os interessados ausentes Ignacio e Francisco, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de Izabel Pereira, moradora que foi na freguezia de Soutello, sem prejuizo de seu andamento.

Villa Verde, 23 de Maio de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães.

COMARCA DE VILLA VERDE EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão do 5.^o officio, correm editos de 30 dias citando quaesquer credores, herdeiros e legatarios incertos e domiciliados fóra d'esta comarca, para fallarem, querendo, a todos os termos até final do inventario e partilha dos bens do ausente João d'Arantes, da freguezia de Moure, sem prejuizo do seu andamento.

Villa Verde, 2 de Junho de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Antonio Thomaz Lopes d'Azevedo Guimarães.

Comarca de Villa Verde ARREMATACÃO

No dia 10 de Julho proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, por deliberação dos interessados e credores no inventario entre maiores a que se procede por obito de Bento José Gonçalves de Aranjó, morador que foi na freguezia de Santa Maria do Prado, d'esta comarca, ha-de vender-se em hasta publica os seguintes bens, todos situados na dita freguezia de Santa Maria do Prado:

O eido e casas da Vivenda, casas sobradadas com salas, cozinha, varanda, lojas, côrtes, coberto, eira e terreno lavradio com vidonho, em 438\$007 rs.

O Talho de Fóra do Portal, de lavradio, com vidonho e agua de rega d'um engenho ou nora, em 181\$418 rs.

O Talho da Poça, de lavradio e vidonho, com agua, em parte, em 227\$475 rs.

O Talho da Cerejeira, de lavradio e vidonho, com agua da poça e do dito engenho, em rs. 210\$665.

O Talho do Cortello, de lavradio e vidonho e agua da mesma poça e engenho, em rs. 65\$715.

O Talho da Veiguinha, de lavradio e vidonho, em 97\$720 réis.

O campo dos Praços, conhecido por campo dos Penedos, que se compõe das leiras da Ribeira e das Riteirinhas, do lavradio, vidonho e algum matto, em 1:004\$150 rs.

Estas propriedades são de praso aos herdeiros do visconde d'Azevedo e entram em praça com o abatimento do fóro e laudemio respectivos.

A terra do Eidinho de Fóra do Portal, de lavradio e vidonho, allodial, em 196\$000 rs.

São citados todos os credores incertos que se julguem com direito aos ditos predios, ou ao seu producto, para o deduzirem no praso legal, e os senhorios directos desconhecidos, para assistirem á arrematação e usarem do direito de opção, querendo.

Villa Verde, 14 de Junho de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Gaspar Augusto Telles.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

No inventario a que se procede por obito do rev.^o João Ferreira da Motta, fallecido na cidade do Porto, mas natural da freguezia da Lage, d'esta comarca de Villa Verde, correm editos de 30 dias para cumprimento dos §§ 3.^o e 4.^o do art.^o 696 do Código do Processo Civil.

Villa Verde, 10 de Junho de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Gregorio de Carvalho Ozorio Machado.

BREVE ESTUDO

SOBRE

A ILHA DE MOÇAMBIQUE

Acompanhado d'um pequeno vocabulario portuguez-macúis

POR

AYRES DE CARVALHO SOVERAL

Preço 100 rs. — A' venda na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, Lugan & Genelioux, successores — Porto.

Privilegio exclusivo por 15 annos

ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approvado pela Eschola Medico-cirurgica do Porto

Este excellente medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.^{mos} medicos com bom resultado contra as molestias da pelle, como: herpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, escrophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharm^acia dos Orphãos.

Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS.

(88 a)

A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos interessantes romances: A MULHER FATAL, DRAMAS MODOERNOS e outros

1.^a parte, TREVAS; 2.^a parte, LUZ; 3.^a parte, ANJO DA REDEMPÇÃO

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes, versão de Julio de Magalhães, 10 réis cada folha, gravura ou chromo 50 réis por semana, dois brindes a cada assignante.

A' sorte pela loteria — 100\$000 em 3 premios para o que receberão os snrs. assignantes em tempo opportuno uma caudela com 5 numeros.

No fim da obra — um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.^a, rua da Cruz de Pau, 26, 1.^o — Lisboa.

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 — Porto

A FELICIDADE

POR

HENRIQUE PERES ESCRICII

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no santuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias:

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remeter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantido aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA, editora, 211, rua do Almada, 217 — Porto.

A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovacs, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou flô, renda irlandeza, bordado em flô, crivos — tudo o trabalho de tapoçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — fôres de papel, panno, pennis, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogrammas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON — Porto. Principia no dia 1.^o de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:

Um anno 4\$ 000
Seis meses 2\$ 100
Numero avulso 200



Vade-Mecum da Pharmacopeia Portuguesa
10
José Pereira Reis
Com o extracto do auctor em phototypia, pelos snrs.
Pelcoto de Inanito
1 vol. br. 500 rs. — Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.
A livraria — Cruz Continho, rua dos Caldeireiros, 18 e 20 — PORTO.

LIVRO SACRO

ou

CURSO DE DOUTINA CRISTÁ

PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS

Coordenado conforme o novo programma do governo para o exame d'instrução primaria e elementar e d'missão aos lycéis nacionaes, e para os meninos se habilitarem sem difficuldade a receber a sagrada communhão, etc., com permissoão e approvação do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal. Ferreira das Santos Silva, Bispo do Porto.

POR FRANCISCO D ASSIS PINHEIRO

Director e proprietario do Collegio de S. Francisco, no Porto, e socio da Sociedade de Geographia Commercial, da mesma cidade.

2.^a edição

A' venda na livraria CRUZ COU-TINHO, editora, rua dos Caldeireiros n.^{os} 18 a 20 — PORTO.

O MAIOR SUCCESSO LITTERARIO

A MARTYR

POR

ADOLPHO D'ENNERY

Versão de João Pinheiro Chagas

Celebre romance procurado com excepcional interesse pelos leitores dos dois mundos e publicado no *Primeiro de Janeiro* e de que foi extrahido o drama actualmente em scena nos theatros Baquet e D. Maria II.

Edição illustrada com gravuras.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:

O romance A MARTYR constará de 2 volumes em 8.^o illustrados, distribuidos em fasciculos semanacs de 10 folhas de impressão de 8 paginas cada uma, ou 9 e uma gravura, a 10 réis cada folha, ou 100 réis cada fasciculo pagos no acto da entrega. A obra completa não terá nem mais de 10 nem menos de 8 fasciculos.

Para as provincias, os fasciculos serão enviados franco de porte, pelo mesmo preço que no Porto, mas só se accitam assignaturas que venham acompanhadas da importancia de 5 fasciculos adiantados.

A casa editora garante 20 por cento de commissão a quem angariar qualquer numero d'assignaturas não inferior a 5.

Accitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á livraria *Civilização*, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6 — PORTO.

Acha-se já em distribuição o 1.^o fasciculo. Envia-se prospectos a quem os pedir.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrafados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

O CAMÕES

SEMANARIO

Romances, contos, viagens, sciencia ao alcance de todos, curiosidades, anecdotes, charadas, poesias, actualidades, biographias, revistas de theatro, criticas litterarias, humorismos, cousas uteis, narrativas historicas, leituras de familia, moral e religião, educação, progressos artisticos, maravilhas da industria, commemorações patrias, descripções de monumentos, antigualhas, usos e costumes estrangeiros, etc.

Cada numero constará de quatro paginas a tres columnas, bom papel e typo.

Publicar-se-ha aos domingos.

O preço da assignatura para o Porto, é de 1\$000 rs. por anno, 500 rs. por semestre e 250 rs. por trimestre; para a provincia, 1\$200 rs. por anno, 600 rs. por seis mezes e 300 rs. por tres mezes. Numero avulso, 20 rs.; fóra do dia, 40 rs. Annuncios, 40 rs. a linha; repetições, 20 rs. Os snrs. assignantes gosarão o abatimento de 50 p. c. nas suas publicações. Annuncios de publicações litterarias, gratis, mediante um exemplar.

Aos snrs. correspondentes na provincia abonar-se-ha a commissão do costume, responsabilizando-se por qualquer numero de assignaturas.

Escriptorio da administração, rua dos Caldeireiros n.^o 250 — PORTO.

Tambem se recebem assignaturas na Livraria Chardron, Lugan & Geneloux — successores, rua dos Clerigos, 96 — PORTO.